

**REUNIÃO ANUAL DAS ASSEMBLÉIAS DE GOVERNADORES****FORTALEZA, BRASIL**

AB-2175  
CII/AB-812  
11 março 2002  
Original: inglês

DISCURSO DO GOVERNADOR POR TRINIDAD E TOBAGO  
EM NOME DOS PAÍSES DE LÍNGUA INGLESA DO CARIBE  
NA SEGUNDA SESSÃO PLENÁRIA

*Keith Rowley*

1. Tenho a honra de dirigir-me a essa Reunião Anual conjunta em nome das cinco nações do Caribe que constituem o Grupo de países do Caribe, a saber, Bahamas, Barbados, Guiana, Jamaica e meu próprio país, Trinidad e Tobago.
2. Nossas delegações desejam transmitir nosso reconhecimento ao Governo do Brasil e à cidade de Fortaleza por acolher a Reunião deste ano e pela generosa hospitalidade que nos foi oferecida nesta cidade tão aprazível. Também felicitamos a direção e a equipe do Banco por seu papel na organização deste evento.
3. Senhor Presidente, receba nossos cumprimentos por sua eleição e por ter assumido a importante responsabilidade de pilotar o Banco no curso do próximo ano. Nosso Grupo também expressa o seu apreço ao Governador pelo Chile por seu valioso trabalho na Presidência no ano passado, quando nos possibilitou, com habilidade, chegar a um acordo sobre um quadro de financiamento e diretrizes operacionais que se revestem de importância estratégica para os membros mutuários.
4. O Grupo de países do Caribe atribui enorme importância a estes encontros anuais, que nos proporcionam a oportunidade de deliberar sobre os desafios enfrentamos na região e em cada país, bem como de encontrar soluções mediante nossa participação nesta instituição. Ao longo dos últimos 42 anos, o BID se tornou a principal instituição financeira multilateral a operar em nossos países. Por isto, é basicamente para essa instituição que nos voltamos em busca de assistência, tanto financeira quanto técnica, para atender às aspirações de desenvolvimento e aos genuínos interesses dos nossos povos.
5. Em 2001, uma economia mundial que já se enfraquecia viu-se face a face com um adversário inesperado e extremamente mortífero. Os terríveis atentados de 11 de setembro agravaram em muito os problemas de nosso sistema econômico global. De fato, desde a última reunião anual, em Santiago, vimos concretizar-se uma significativa ameaça potencial ao nosso progresso econômico arduamente conquistado.

6. Baste dizer que a Região do Caribe não foi poupada. Mais uma vez, as vulnerabilidades de nossas pequenas economias se patentearam de modo gritante. Tal como grande parte dos países da América Latina, tivemos de enfrentar a deterioração das relações de troca e com os efeitos da recessão nos Estados Unidos.
7. Assim sendo, o crescimento do produto agregado no Grupo foi inferior a 2%, refletindo um produto relativamente elevado em Trinidad e Tobago, crescimento negativo em Barbados e resultados modestos nas Bahamas, Guiana e Jamaica. Bahamas, Barbados e Jamaica foram os mais afetados pela queda no turismo, em especial depois do atentado terrorista de 11 de setembro. Além disso, a Jamaica e a Guiana tiveram que se haver com choques de preços de produtos básicos e condições meteorológicas adversas. Meu próprio país, Trinidad e Tobago, que registrou o crescimento mais alto, cerca de 4%, teve de reduzir de maneira significativa os investimentos públicos devido à queda nos preços do petróleo.
8. Diante de circunstâncias difíceis, nossos Governos buscaram com afincamento uma gestão prudente em matéria fiscal, monetária e cambial. Não é de surpreender, então, que para a maioria dos países os principais indicadores macroeconômicos tenham sido satisfatórios.
9. Os resultados demonstram a resoluta disposição dos Governos do Caribe no sentido de proteger os ganhos arduamente conquistados com nossas reformas estruturais. Quanto a esse ponto, mantemos nosso compromisso com as políticas de expansão dos mercados, um comércio mais livre e sistemas democráticos de governo, a modernização do Estado e a integração regional. Além disso, lutamos constantemente por alcançar um crescimento sustentável, socialmente sensível e intrinsecamente participativo, em termos tanto de sua geração como da distribuição equitativa dos seus benefícios.
10. As autoridades da Guiana estão satisfeitas por terem conseguido trabalhar com o Banco de modo eficaz para obter o pleno empenho de toda a alocação do FOE (Fundo para Operações Especiais) para a Guiana no biênio 2000-2001. Obviamente, nossa esperança é que, ao atingir um empenho igualmente total da alocação dos recursos do FOE para a Guiana no futuro, o Banco reforçará seu papel fortalecedor mais o esforço do país para o desenvolvimento.
11. As autoridades das Bahamas apreciaram o fato de que, no ano passado, o Banco pôde levar ao ponto de aprovação um importante projeto de infra-estrutura rodoviária para a ilha de New Providence. Esperam que esse projeto, quando completado, melhorará o fluxo do tráfego na ilha, o que vai melhorar bastante a eficiência do setor turístico, principal atividade econômica do país e, dessa forma, gerar relevantes benefícios econômicos e sociais para os bahamenses.
12. No caso de Barbados, duas operações de apoio ao sistema judiciário e ao manejo ambiental costeiro foram aprovadas em 2001, o que ajudará a melhorar ainda mais a qualidade do sistema social de Barbados e a consolidar as bases da economia nacional.
13. A Jamaica aprecia de maneira especial a reação flexível do Banco na prestação de assistência para proteger e fortalecer seu programa de reforma após o impacto provocado pelos atentados terroristas de 11 de setembro e pelas chuvas torrenciais de novembro.

14. No que diz respeito ao meu próprio país, Trinidad e Tobago, que não teve nenhum empréstimo aprovado desde 1999, estamos satisfeitos com o progresso alcançado num projeto habitacional que irá melhorar principalmente as condições de grupos de baixa renda. Esperamos a rápida aprovação desse empréstimo. Além disso, atribuímos a mais alta prioridade à expansão rodoviária e à reforma agrícola, para as quais o Governo espera uma parceria com o Banco. É nossa intenção fazer o melhor uso possível dos recursos do Banco e reverter as recentes quedas em nosso desempenho de carteira.

15. Olhando mais adiante, o Banco e nosso Grupo enfrentam juntos o desafio de uma questão que muito nos interessa. Nosso Grupo vem experimentando um fluxo de recursos líquidos para o Banco, quando nossas condições objetivas levariam a crer que devia estar ocorrendo o contrário. Compreendemos perfeitamente que nenhum país mutuário nem grupo de países mutuários pode esperar indefinidamente um fluxo ininterrupto de recursos líquidos do Banco. Mas achamos que existe bastante margem para uma programação conjunta efetiva e para um rápida elaboração e execução de projetos que exerçam impacto sobre o fluxo de recursos líquidos na direção certa no momento certo.

16. Os membros mutuários do Banco continuam a enfrentar desafios para ajustar-se às mudanças dinâmicas, geradas tanto interna como externamente, provocadas pelas forças da globalização. É claro que os recursos postos à disposição do Grupo do BID são modestos quando comparados com o total das necessidades da região. Não obstante, o papel estratégico do Banco na ajuda aos países da região para se adequarem à mudança aumentou com o passar do tempo.

17. Foi, portanto, oportuno da nossa parte um ano atrás, em Santiago, determinar que a Comissão da Assembléia de Governadores preparasse propostas para reforçar a capacidade de reação do Banco às necessidades cambiantes de seus membros mutuários. Traz grande satisfação verificar que, em decorrência do cumprimento daquele mandato, a Assembléia dos Governadores já aprovou um pacote de medidas destinadas a fazer o Banco avançar em suas relações com os membros mutuários.

18. Mas precisamos continuar a promover esse processo. Na aplicação do pacote de medidas, esperamos que sejam efetivadas de imediato tanto a modificação da matriz de financiamento de empréstimos para investimentos como um novo quadro de empréstimos de apoio a reformas. Contudo, será importante, ao mesmo tempo, manter o ritmo da implementação de outros componentes dos pacotes.

19. Também persistirá, depois da implementação do pacote acordado, o desafio de aumentar a capacidade de resposta do Banco. Não temos dúvida de que será necessário incrementar as ações, pois as medidas recentemente acordadas não esgotam o leque de iniciativas sólidas destinadas a aumentar a capacidade de reação do Banco. Portanto, acolhemos com satisfação o relatório do Grupo Assessor Externo do Presidente, que chama atenção para novas linhas possíveis de ação que reforcem tal capacidade.

20. Embora o Banco já tenha feito muito para ajudar os países do Caribe a se preparar para a integração em novas configurações de comércio, bem como para minorar os efeitos de desastres naturais, acolheríamos com satisfação uma abordagem mais abrangente de questões muito mais amplas. Como parte desse esforço geral, instamos o Banco a continuar levando

em conta as circunstâncias especiais de seus menores países membros, sem considerações pré-concebidas a respeito de renda per capita, mas baseando-se em características sistêmicas que tornam nossas economias inerentemente vulneráveis a riscos externos e à maior volatilidade da renda. Precisamos reconhecer que a solução desse problema vai exigir não apenas medidas adequadas de política interna mas também o apoio decidido de instituições multilaterais de desenvolvimento.

21. Apesar de nosso veementes apelos ao longo dos anos, ainda não pudemos contar com a primeira operação do Departamento do Setor Privado em nosso Grupo. Hoje, enfatizamos outra vez nossa posição, em particular porque aprovamos, no ano passado, uma resolução elevando o limite dos empréstimos para o setor privado de 5% para 10% da carteira pendente do Banco. Causa-nos satisfação o fato de que a resolução que há pouco aprovamos contém uma cláusula em que a Administração é instada a elaborar e executar um plano de ação para o setor privado dos países C e D. Gostaria de dizer que concordamos que a Administração terá de ser, necessariamente, meticulosa e rigorosa em suas devidas diligências para estabelecer a elegibilidade no que diz respeito aos empréstimos ao setor privado. Ao mesmo tempo, porém, exortamos a Administração a prosseguir em suas devidas diligências com senso prático e realista, a fim de evitar barreiras e atrasos desnecessários que impeçam o acesso de nossos membros a esse importante guichê do Banco.

22. Com o mesmo espírito, instamos a Corporação Interamericana de Investimentos a intensificar seus esforços no sentido de encontrar oportunidades viáveis para financiamento em nosso Grupo. Em particular, exortamos a Administração a aprofundar seus conhecimentos sobre o mercado para financiamento da CII no Caribe, de tal forma que possibilite a adequação dos produtos da CII a esta sub-região. A CII precisa ampliar seu raio de ação no nosso Grupo, com vistas a proporcionar uma combinação apropriada de seus produtos para o nosso grupo, desde o financiamento direto para empresas até o financiamento mediante linhas de crédito e linhas de agência com intermediários locais e a participação em fundos de investimento.

23. De um ponto de vista mais geral, quando consideramos a expansão das operações da CII, acolhemos de bom grado a atenção que a Diretoria Executiva vem prestando à questão do financiamento da CII às empresas com participação acionária majoritária extra-regional. Compartilhamos a convicção de que no mundo atual as restrições existentes devem ser abrandadas, embora seja preciso ter cuidado para assegurar que o financiamento da CII venha complementar e não substituir os valores significativos que o acionista majoritário extra-regional deva trazer para a empresa, segundo se espera. Por conseguinte, nosso Grupo apoiará firmemente a resolução que nos será apresentada com as emendas à Carta da CII com tal propósito.

24. Finalmente, Senhor Presidente, não podemos deixar de observar que o apelo pela “eficácia para o desenvolvimento” promete tornar-se um verdadeiro mantra nos foros do Grupo do BID, e assim deveria ser. Nós, do Grupo de países do Caribe, queremos assegurar que estamos perfeitamente cômicos de que não podemos nos dar o luxo de descuidar da eficácia para o desenvolvimento em qualquer de nossos empreendimentos, inclusive nas operações conduzidas com o Banco. As margens de tolerância dentro das quais operam nossos pequenos países são muito estreitas. Nesse contexto, nada melhora mais a nossa

concentração mental do que a percepção de que, afinal de contas, são os nossos países que terão de pagar os empréstimos para o desenvolvimento.

25. A esse respeito, sentimo-nos animados pela iniciativa lançada no ano passado para avaliar os programas dos países e racionalizar as políticas, estratégias e instrumentos do Banco. Trinidad e Tobago foi um dos cinco países onde foi feita uma ampla avaliação, a qual evidenciou pontos fracos muito generalizados. As autoridades de Trinidad e Tobago esperam que essa atividade ajude a aperfeiçoar as intervenções estratégicas que constituirão o programa do Banco no país no futuro próximo, bem como a refinar o impacto de todos os projetos do Banco sobre o desenvolvimento.

26. Precisamos atentar para a necessidade de uma melhor programação dos recursos mediante uma colaboração mais estreita das várias subdivisões do Grupo do Banco, a elaboração mais rigorosa de projetos e a gestão mais criativa e flexível do processo de execução do projeto, o que deve apoiar-se num maior diálogo em matéria de políticas com as autoridades do país para propiciar a perfeita compreensão da conjuntura de cada país. Afinal, não podemos jamais perder de vista a finalidade do Banco, que não é ser doutrinário mas ajudar os membros participantes a alcançar as metas e objetivos determinados pelo povo dos respectivos países.

27. Portanto, quando o Banco nos vem falar sobre eficácia para o desenvolvimento, estará ensinando padre-nosso a vigário. O desafio crucial será juntar a experiência e a perspectiva do Banco com as das autoridades do país mutuário a fim de dar forma a projetos que falarão de “eficácia para o desenvolvimento” em termos operacionais práticos.

28. É com essa visão de dinamismo criativo para o futuro que desejamos forjar o futuro de nossas relações com o Banco. Sentimo-nos muito animados pelo fato de que tais relações têm sido predominantemente positivas e, uma vez mais, queremos registrar nosso apreço pela contribuição que o Banco tem dado e continua a dar para o desenvolvimento de nossas sociedades. Nosso Grupo confia em valer-se desse passado para construir nossa futura parceria com o Banco.